

O ROTACISMO EM FALARES DOS MORADORES DO PÉ DE SERRA

Amanda Almeida de Jesus (UFRB)

amanda_almeidadejesus@yahoo.com.br

Andréia Teixeira Mota (UFRB)

Paulo Sérgio Cerqueira Nogueira Junior (UFRB)

Geisa Borges da Costa (UFRB)

geicosta@ig.com.br

A heterogeneidade linguística é fato notável em qualquer língua natural falada, o que permite que o falante possa realizar de várias maneiras um mesmo enunciado, dando a língua características próprias. Essa variabilidade linguística não impede que a comunicação se efetive entre os membros da comunidade, pois, ainda que a variabilidade possa resultar em mudanças, essas nunca afetam o todo do sistema linguístico. A possibilidade de diversas realizações para um mesmo contexto linguístico se dá em todos níveis da língua: morfosintático, pragmático-discursivo, fonético-fonológico, lexical. É nosso objetivo estudar um fenômeno fonético estigmatizado socialmente: o rotacismo, troca do –l– pelo –r– ou vice-versa, presente na língua falada por moradores de *Pé de Serra*, município de Mutuípe, no interior da Bahia. Para isso, foram entrevistados dois homens e duas mulheres, com baixa escolaridade, pertencendo a faixas etárias diferentes. O trabalho tem como base a teoria sociolinguística proposta por William Labov (1972), que pressupõe a variação como um princípio natural a todas as línguas, estando correlacionada a fatores de ordem estrutural ou linguística e social ou extralinguística. Para a sociolinguística, a variação linguística não deve ser desmerecida nem desrespeitada, nem deve considerada como erro, já que essas construções linguísticas podem ser explicadas cientificamente, levando-se em consideração fatores diatópicos, diastráticos e diafásicos. Desse modo, o seu estudo demonstrou que as variações presentes na fala de moradores da comunidade podem ser atreladas a fatores socioculturais como a escolaridade e a idade. Constatou-se ainda, que os mais jovens, que convivem com falares de outras áreas, por frequentarem a escola da zona urbana ou trabalharem fora da comunidade, utilizam menos as variações mais estigmatizadas da língua.